

ORDENS DO EXERCITO

N.º 16 (2.ª Serie) de 22 de setembro de 1905

PROMOÇÕES. — Nos termos do decreto de 14 de novembro de 1901: co-

pitado, o tenente de cavallaria Francisco Augusto Xavier de Moraes;

alferes, o sargento ajudante de cavallaria n.º 1.º Affonso Augusto So-

BEERVA. — O capitão de cavallaria em inactividade temporaria Anto-

nio Lourenço de Almeida Rebelo.

NOMEAÇÕES. — Major de 1.ª brigada de cavallaria, o capitão de estado-

maior de cavallaria Luiz Jorge Maia.

TRANSFERENCIAS. — Para cavallaria n.º 3.ª o alferes medico de inste-

ria n.º 21, Eduardo da Silva Pereira.

DECLARAÇÃO. — Que por decreto de 19 de junho do corrente anno foi

agraciado com o grau de official de orden de 2.ª Classe, o tenente

de cavallaria n.º 7, Antonio Mario de Figueiredo Campos.

CONDECORADOS. — Com a medalha de prata em reconhecimento exem-

plar, o capitão de estado maior de cavallaria, Annibal Maria Vargas,

tenente de cavallaria n.º 2, André Avellino de Oliveira Reis e da

guarda fiscal, tenente de cavallaria, Antonio Pinto de Sampaio e

Mello.

Revista de Cavallaria

Um sonho

(CONTINUAÇÃO)

— Quer ver então como se arranjaram os quadros da artilharia?

— Se o não incommodo.

— Ora essa! Já agora, vejo que tenho de o illucidar sobre todas estas cousas, e creia que sinto n'isso muito prazer. Eu sou fallador.

Vamos pois á artilharia.

O quadro tinha 15 coroneis. Imagine que 9 foram destinados para os regimentos de campanha, 1 para o de montanha e 3 para os de posição, o que nos dava dois de sobra; mas como necessitassemos de officiaes d'esta graduação para chefes de diversos serviços, fizemos as seguintes economias.

O regimento de montanha, que naturalmente era chamado a operar sempre dividido, passou a ser commandado por um tenente coronel, e o mesmo se fez aos tres destinados a funcionar como artilharia de corpo, o que nos deu logo mais 4 coroneis disponiveis; e como assim ficassem 6, foram distribuidos da seguinte fórma: 3 para chefes dos respectivos serviços junto dos quartéis generaes dos corpos de exercito, 1 para sub-chefe no commando em chefe e ainda sobraram dois.

Ora se se attender, que os coroneis que deveriam commandar a artilharia de corpo deviam ser os mais antigos e que os divisionarios exercem igual cargo junto das respectivas divisões, tem o meu amigo que, em caso de mobilisação, são todos os regimentos commandados directamente pelos tenentes coroneis.

A mesma ordem de ideias é applicavel aos regimentos de posição, sendo os seus coroneis empregados nos commandos dos sectores, ou praças fortes, onde os seus regimentos constituam a maioria da respectiva guarnição d'esta arma.

Dos tenentes coroneis, 13 estão nos corpos e portanto sobram 2.

Majores, isto é: commandantes de grupo, é que não houve remedio senão augmentar o numero.

O quadro dava 18 e nós necessitámos, só para as tropas, 37; faltando pois 19; augmentando 22, ficariam sobrando 3. Mas, se como succedeu na infantaria, em que os capitães poderam commandar os batalhões, podem estes aqui commandar grupos, e se forem os terceiros de campanha e de montanha, fica assim o augmento redusido a 12.

— Permitta-me uma interrupção:

E se os grupos fossem de 4 baterias não se poupavam majores?

— Sim; mas opõem-se a isso algumas razões, umas de ordem economica ou administrativa e outras de ordem tactica. Se os regimentos, debaixo de esse ponto de vista, passassem a ter apenas dois grupos; o total das peças seria de 336, perdendo-se assim, para o caso actual, 36 peças, o que é importante; mas se elles fossem constituídos por 3 grupos, o total das peças elevar-se-hia a 496, isto é, mais 124 do que temos.

Este numero aproximava-se mais do que necessitamos e conviria ter; mas não tem chegado o dinheiro para tanto. Conte que nós necessitamos possuir algumas peças de reserva, e que o que gastamos com o augmento de soldo dos 12 majores, talvez não dêsse, annualmente, para a

acquisição de uma. Além d'isto não devemos sacrificar os postos inferiores não lhes dando uma sahida proporcional. O que veremos mais tarde.

Pelo lado tactico, poucas serão as posições que, no nosso paiz, permittam a entrada facil em bateria de um tão grande numero de peças. E finalmente: O grupo, assim, parece ficar excessivamente grande para um só commando administrativo.

Optámos então pelo meio termo, por nos parecer que redusiamos os inconvenientes. Se pudessemos, augmentavamos um grupo a cada regimento, obtendo assim um total de 492 peças.

Vamos pois para diante: Capitães, dava o quadro 86, e nós precisavamos para as tropas de 117 e mais 10 para commandos de grupos, 127. Mas como as terceiras baterias de cada grupo de campanha e montanha pódem ser commandadas por tenentes, temos a abater 30; ficando assim necessario um total de 97. Logo faltavam 11, e promovendo 25 ficamos com 14 de sobra.

Subalternos necessitámos, a dois por bateria, 234; com 50 para ajudantes de regimento e grupo e 30 para commandos de bateria sommaram 314; o quadro dava 180. augmentámos 150 e ficámos com 16 de sobra.

— Dá licença: Parecem-me poucos dois subalternos por bateria. Se está indicado um para cada duas peças, quem vigia ou commanda os carros?

— Já cá esperava essa observação.

Por economia, e em tempo de paz, dispensamos o 3.º e em caso de mobilisação preenchemos o que falta com os almoxarifes de artilharia, que consideramos os verdadeiros officiaes de reserva d'esta arma, com os de reserva que possa haver, e promovendo alguns alumnos do ultimo anno do curso.

— Tudo isso talvez vá bem para a artilharia de campanha; mas o meu amigo não me falla na de guarnição, cujo papel me parece hoje importantissimo, principalmente nas baterias destinadas a defender as costas e as entradas dos nossos portos.

— E' verdade o que diz e vou-lhe provar que, isso não foi de todo esquecido.

A artilharia de costa necessita de conhecimentos e practicas especiaes, que cada vez se vão tornando mais frisan-tes, com a adopção de diversas especies de material e dos diversos calibres, para satisfazer aos multiplos fins a que é destinada; mas isto pertence á parte technica da arma e portanto, para o nosso caso, só tivemos a attender á escolha dos officiaes e mais elementos, para podermos contar com resultados proficuos.

E' facto que, assim nós decompomos a artilharia em duas especies distinctas, e temos officiaes proprios para artilharia de guarnição e outros para a de campanha; mas isso tambem se dá nas outras armas onde ha, mais ou menos, subdivisões, e como são especialidades, incumbe á direcção da arma escolher os especialistas.

O que pôde succeder, e succede, é que estas baterias não teem todas um numero igual de homens, dependendo isso do maior ou menor numero de boccas de fogo a guardar em cada obra ou em cada frente. E' claro que isto tambem tem limites, porque se o meu amigo imaginar que, em uma obra, ou frente, existe um grande numero de boccas de fogo da mesma especie e calibre, essa bateria decompõe-se no numero das que forem necessarias, pertencendo o commando geral a um official de patente superior á de capitão.

O que se faz portanto é limitar no maximo, e no minimo, o numero de boccas de fogo de cada especie para os diversos commandos, quando na mesma obra.

Tudo isto porém é technico, como já disse, e as divisões em baterias, grupos e regimentos, só se consideram, no nosso caso, como unidades administrativas.

— Bem, vamos á engenharia; pouco me tem fallado d'esta arma, e apenas me disse, se bem me recordo, que estavam aqui 3:000 homens e 1:000 solipedes, proximamente.

— Tem rasão, e vou satisfazel-o, dando-lhe a organização e os quadros de officiaes.

Junto de cada corpo de exercito, isto é: habitualmente junto da 1.^a divisão de cada corpo, existe uma companhia de pontoneiros, uma de telegraphistas, uma de caminhos de ferro e tres de sapadores mineiros, formando todas um regimento, ou sejam, no total, tres regimentos.

A' disposição do commandante em chefe e, em geral, junto ao campo intrincheirado de Lisboa, existe um quarto regimento de igual composição, sendo os sapadores mineiros substituidos por sapadores de praça.

Tem assim 4 regimentos a 6 companhias de 200 homens cada uma.

— Diga-me uma cousa: Ouvi dizer que n'esta ultima guerra os japoneses tinham feito muito uso de granadas de mão, e que as tropas que eram d'isto encarregadas eram as de engenharia. Pensou-se n'este caso?

— Não. Isso tornou-se mais uma fórmula de combater d'esta arma, e, se quizer, chame aos sapadores, sapadores granadeiros, e fica tudo certo.

Verdade seja que, não sei porque humanitariamente se prohibiu o emprego das balas *Dum-dum* e se consente o das taes pulverisadoras bombas.

Mas vamos para diante e passemos aos quadros.

Os officiaes estão assim distribuidos:

Coroneis: 1 junto do commando em chefe (sub-chefe do serviço). 4 nos regimentos, (chefes do serviço junto dos quartéis generaes dos corpos de exercito e campo entrincheirado.) O quadro dava 10, sobraram 5.

Tenentes coroneis: 3 junto dos quartéis generaes das 2.^{as} divisões, 4 nos regimentos. O quadro dava 10, sobraram 3.

Majores: 2 em cada regimento; o quadro dava 10, sobraram 2.

Capitães: 24 nos regimentos e 8 nos quartéis generaes. O quadro dava 40, sobraram 8; 6 dos quaes ficaram adjunctos ás divisões e os 2 restantes ao commando em chefe.

Subalternos: dava o quadro 48, que ficaram todos nos corpos, sendo necessarios 4 para ajudantes de regimento, augmentaram-se 10.

Ainda resta fallar do serviço do estado maior para ficar completo o que ha sobre combatentes. Isto foi facil.

O quadro que existia foi augmentado com 15 tenentes e foi dividido da seguinte fórma:

1 coronel, sub-chefe do serviço junto do commando em chefe; 1 chefe junto do campo entrincheirado; 3 chefes do serviço nas 1.^{as} divisões dos corpos do exercito e 1 no sertão privativo do corpo.

Tenentes coroneis: 3 nas 2.^{as} divisões, chefes do serviço; 1 no commando em chefe; 1 na divisão de cavallaria e 1 no serviço do corpo.

Majores: 3 sub-chefes nas 1.^{as} divisões; 1 no commando em chefe e 2 no corpo.

Capitães: 3 sub-chefes nas 2.^{as} divisões; 2 no commando em chefe; 1 na divisão de cavallaria, 1 no campo entrincheirado; 6 adjunctos ás divisões; 1 ajudante de campo do chefe do serviço e 6 no corpo.

Tenentes: 21 para majores de brigada; 1 no commando em chefe; 3 nos corpos de exercito, o que fez com que o quadro fosse augmentado com mais 15.

— Mas agora me lembro, diz-me o meu informador, tenho aqui um papel explicativo d'este assumpto; e remexendo na pasta que tinha ligada ao arreio, mostrou-me um mappa que, ia jural-o, era como o que vae junto.

Foi a leitura d'este mappa que me levou a fazer as considerações que se seguem.

Então para chegarmos a este resultado, e apesar de todas as economias, foi necessario augmentar os quadros nos postos inferiores por uma fórma assombrosa! 155 capitães e 985 subalternos, sendo, estes ultimos, ainda poucos para as necessidades!! E nos postos superiores apenas 12 majores na artilharia! Dos outros ha então abundancia em quasi todos os quadros!! Então os nossos quadros chegam, aos postos superiores, para mobilisar todo aquelle pessoal, e apenas necessitamos uma multidão de subalternos?!

Mas, n'este caso, como fundamentar as queixas, constantes, da demora no accesso, e no atraso nas promoções

de uns quadros em relação aos outros?! Serão ficticias as demoras no accesso visto que, segundo parece, os quadros actuaes teem abundancia de postos superiores?

O que justifica então a adopção dos limites de idade, que força individuos, muitas vezes ainda aptos, a sair dos quadros para facilitar o accesso?! Como explicar a lei de reforma por equiparação que, no fundo, não passa de um incentivo, um convite, a abandonar o serviço activo alguns que, com certo esforço, poderiam continuar a prestar, relativamente, bom serviço?!

Se a ideia é, como se diz, affastar do serviço activo todos os que pela idade ou pelos achaques, não apresentam as sufficientes garantias de poder prestar bom serviço em campanha, e minorar as injustiças provenientes dos desequilibrios no accesso entre os diversos quadros; estes justos principios são desacompanhados do cuidado em preparar, para a mobilisação, todos os outros elementos constituitivos do exercito.

Não ha quadros sufficientes e diz-se que não temos material. Porque não começamos por organizar uns e adquirir o outro? Pênsamos apenas em augmentar as despesas com o rejuvenescimento dos quadros de officiaes, sem mesmo pensar em os tornar harmonicos entre si e com as necessidades das armas?

Se necessitamos de um exercito nas condições de poder defender o paiz dos inimigos externos, necessario se torna pensar na fórma porque devemos grupar os combatentes, e não é com quadros exiguos que podemos pensar em tal.

(Continua)

Capitão X. Z.

Mapa das alterações dos quadros

		Commandante em chefe	Corpos de exercito	Divisões de cavallaria	Campo intrincheirado	Divisões
Generaes	De divisão	1	3	1	1	6
	De brigada	-	-	-	-	-
Serviço do Estado maior	Coroneis	-	-	-	-	-
	Tenentes coroneis	-	-	-	-	-
	Majores	-	-	-	-	-
	Capitães	-	-	-	-	-
	Subalternos	-	-	-	-	-
Engenharia	Coroneis	-	-	-	-	-
	Tenentes coroneis	-	-	-	-	-
	Majores	-	-	-	-	-
	Subalternos	-	-	-	-	-
Artilharia	Coroneis	-	-	-	-	-
	Tenentes coroneis	-	-	-	-	-
	Majores	-	-	-	-	-
	Subalternos	-	-	-	-	-
Cavallaria	Coroneis	-	-	-	-	-
	Tenentes coroneis	-	-	-	-	-
	Majores	-	-	-	-	-
	Subalternos	-	-	-	-	-
Infantaria	Coroneis	-	-	-	-	-
	Tenentes coroneis	-	-	-	-	-
	Majores	-	-	-	-	-
	Subalternos	-	-	-	-	-

que existiam e dos quadros actuaes

Brigadas	Chefes de serviço	Quarteis generaes	Regimentos	Guarda municipal	Guarda fiscal	Todos	Quadro actual	Sobram	Faltam	Foram augmentados	Ficaram sobrando
10	4	-	-	-	-	6	6	-	-	-	-
-	-	5	1	-	-	6	6	-	-	-	-
-	-	5	1	-	-	6	6	-	-	-	-
-	-	4	2	-	-	6	6	-	-	-	-
-	-	14	6	-	-	20	20	-	-	-	-
-	-	25	-	-	-	25	10	-	15	15	-
-	-	1	4	-	-	5	10	5	-	-	-
-	-	3	4	-	-	7	10	3	-	-	-
-	-	-	8	-	-	8	10	2	-	-	-
-	-	8	24	-	-	32	40	8	-	-	-
-	-	-	52	-	-	52	48	-	4	10	6
-	-	7	6	-	-	13	15	2	-	-	-
-	-	-	13	-	-	13	15	2	-	-	-
-	-	-	27	-	-	27	48	-	9	12	3
-	-	-	97	-	-	97	86	-	11	25	14
-	-	-	314	-	-	314	180	-	134	150	16
2	-	-	9	-	-	11	14	3	-	-	-
-	-	-	12	1	-	13	14	1	-	-	-
-	-	-	18	1	1	20	22	2	-	-	-
-	-	-	51	5	2	61	70	9	-	-	-
-	-	-	228	15	5	248	159	-	89	110	21
9	-	-	37	2	1	40	49	-	-	-	-
-	-	-	47	2	-	49	49	-	-	-	-
-	-	-	84	2	-	86	86	-	-	-	-
-	-	-	420	10	16	446	325	-	121	130	9
-	-	-	1251	30	64	1345	654	-	694	700	9

Escolas regimentaes

Em circular ultimamente emanada da direcção geral do ministerio da guerra, foi determinado aos directores das escolas regimentaes, que propozessem as alterações e emendas que entendessem por convenientes fazer-se nos livros adoptados para o ensino escolar.

Visando, sem duvida, mais longe do que á simples modificação dos compendios em uso nas escolas, esta circular dará largo ensejo á que, pelas entidades a quem era incumbido o cumprimento d'aquella determinação, fossem apresentados superiormente os considerandos que a pratica lhes suggerisse, e em que porventura se baseiasse uma futura reorganisação das escolas regimentaes, cuja necessidade não pôde deixar de ser reconhecida por quantos se interessam pelo desenvolvimento da instrucção no exercito.

Data de 1895 o regulamento que rege as escolas para praças de pret: não será justo dizer que é moderno; não é ousadia afirmar que é antigo. No que todos concordam, sem discrepância, é na impossibilidade, manifesta para os que praticamente conhecem o assumpto, de conciliar as exigencias dos serviços regimentaes, com a frequência escolar, de vencer os escolhos que se antepõem constantemente á mais energica vontade, e á mais zelosa dedicação dos que ainda veem na cultura intellectual, um seguro meio de exalçar as qualidades moraes do exercito, nas suas classes menos elevadas. Mas, se não é absolutamente possivel, attentas circumstancias de meio e de tempo, tornar mais impulsiva a instrucção ministrada nas escolas dos regimentos, muito pôde, no entanto, ser feito, para melhorar as condições do ensino, permitindo aos que as frequentam tirar do proprio trabalho os mais amplos beneficios, e para que essas escolas correspondam á generosa ideia que presidiu á sua criação.

Não é raro, entre nós, paiz de 70 % de analphabetos, serem acoimados de utopistas, os que pretendem que a passagem pelas fileiras do exercito, seja um meio de fazer baixar esta fabulosa percentagem, que nenhum outro paiz sequer eguala; a ideia de dar ao soldado uma breve instrucção litteraria, a par da educação militar, é geralmente considerada um mytho, uma irrealisavel aspiração de sonhadores.

Certo é, porem, que a importancia dos resultados provaveis, valeria ao legislador a pena de uma experiencia, tornando simplesmente obrigatoria a matricula nos diversos cursos das escolas regimentaes, a todas as praças de pret, dando aos professores os elementos indispensaveis ao effizaz exercicio da sua missão educadora.

Mas, sem me expor a adquirir fóros de devaneador, parece-me que dentro dos limites da boa razão, alguma coisa mais havia o direito de esperar, mais proficuos resultados se lograriam obter, do que os accusados até hoje pelas estatisticas escolares, orientando de maneira diversa o plano de estudos actualmente em vigor, intruduzindo-lhe as reformas que a reflexão dos mestres tem aconselhado para os lyceus do reino, desdobrando o ensino em cursos successivos, n'uma lenta e gradual sequencia. E, tomando como principio para a promoção aos postos inferiores, embora esta dependesse da prestação de outras provas, a apresentação de um curso, que, servindo de base aos conhecimentos julgados hoje indispensaveis desse a medida da aptidão intellectual de cada candidato, não seria difficil alcançar uma selecção mais rigorosa do que a produzida por um concurso, sujeito sempre a contingencias de sorte, onde os concorrentes, forçados a satisfazer a um programma demasiado violento para a tibieza da sua intellectualidade, não poucas vezes manifestam a imperfeita preparação com que se abalançaram ao estudo, meramente superficial, das materias sobre que têm de ser intorrogados.

Um exemplo basta para frisar a incoherencia que existe, entre os conhecimentos que habilitam um segundo:

sargento, e os serviços que depois elle tem a desempenhar.

As habilitações litterarias prescriptas para a admissão ao concurso ao posto de segundo sargento, resumem-se no 1.º curso das escolas regimentaes — a triologia modesta do ler, escrever e contar; em tres provas, no campo, oral e escripta, são apreciadas as aptidões militares dos candidatos. Aquelle que commandar com aprumo um pelotão, recitar sem emperros de memoria uns artigos do regulamento de campanha, preencher cuidadosamente um mappa de rancho ou uma relação de concertos, formular uma participação com boa calligraphia, embora com orthographia pesada, é proclamado um bom segundo sargento, apto para o desempenho de todas as obrigações do seu cargo.

Mas, na cavallaria principalmente, a missão d'esse sargento, pôde muitas vezes, elevar-se a um grau de complexidade, que a sua rudimentar instrução lhe não permitirá attingir: em campanha, no commando de uma patrulha, em qualquer ramo do serviço de exploração, elle terá muitas occasiões de encontrar-se isolado, de seguir um itinerario definido, orientar-se no terreno; tel-o-hão munido de uma carta, para cuja leitura o não desembaraçaram certamente as theorias em que são instruídos os quadros, durante um curto periodo do anno — leitura que demais, não pôde ser racionalmente feita por quem desconhece os mais elementares principios do desenho, e ignora as mais simples noções da geometria.

Assim lhe é feita uma exigencia para que não foi legalmente habilitado; assim fica bem comprovada a insufficiencia do 1.º curso, como unica habilitação litteraria reclamada para a promoção ao posto de 2.º sargento. E, se para a immediata promoção ao posto de primeiro sargento é exigido então o 2.º curso das escolas regimentaes, como para a promoção ao de sargento-ajudante é indispensavel o curso da escola central, parece naturalmente indicada a criação de um curso especial para os candidatos a segundos sargentos, visto que no 1.º curso — da classe de cabos —

apenas são professados os elementos indispensaveis a esta classe.

O desdobramento do actual 2.º curso em dois cursos, intimamente ligados permittindo dar mais amplo desenvolvimento ao ultimo d'elles, obviaria ainda a muitas das difficuldades que entravam a acção do professor, e que só avalia quem exercendo conscienciosamente esse mister, pretende conciliar a escassez do tempo e a irregular frequencia dos alumnos com o exacto cumprimento do programma estabelecido pelo regulamento de 1896, para satisfação do qual é menos que sufficiente a preparação do 1.º curso.

E' de uso, entre os que escrevem, ao emittirem opiniões argumental as, com o que lá por fóra se pratica, sem reflectirem muitas vezes que todas as instituições são funcção do meio a que se adaptam, que nem todos os principios se acclimam transportados para terreno diverso — esquecendo-se de reduzil-os á escala, como espirituosamente aqui escreveu, um dos mais distinctos collaboradores da *Revista*; seguindo o costume geral, ser-me-hia facil, baseiar na citação de programmas das escolas regimentaes dos exercitos estrangeiros, a affirmação de que é n'elles mais cuidadosa a educação dos seus officiaes inferiores. Para justificação do meu parecer, bastará porem recordar que, podendo o sargento, entre nós, aspirar ao officialato, e conviver portanto em camaradagem com os officiaes sahidos de uma escola superior, é mister colloca-lo em condições de não sentir muito profundamente uma desigualdade sempre irritante, elevando quanto possivel o seu nivel intellectual por um estudo raciocinado e methodico, estimulando, desde o principio, a sua applicação, graduando justamente a intensidade da sua aprendizagem.

Analogas considerações adduzidas ácerca do 1.º curso das escolas regimentaes, levariam á conclusão da conveniencia de subdividil-o em dois graus ou classes: no 1.º grau seriam ensinados a todos os recrutas analphabetos, os primordios da leitura e escripta; no 2.º grau complementar,

seriam regularmente aperfeiçoados, depois de submettidos a um previo exame do grau elementar, os que apresentassem já algum adiantamento.

O problema consistiria apenas *modus faciendi*, na applicação pratica da fórmula deduzida; não deixariam porém de achar-lhe alguma boa solução, os que por dever de officio, consagram exclusivamente a sua actividade, ao magisterio primario nas escolas dos regimentos. Terminaria assim a desigualdade injusta do regimen vigente, que, obrigando somente á matricula os que já possuem alguma illustração, permite que o analphabeto continue analphabeto, pela falta de estímulo e de incentivo á frequencia voluntaria da escola.

A modificação dos compendios escolares, já antiquados, susceptiveis mesmo de serem completamente remodelados, segundo a moderna orientação scientifica, moldando-os em processos intuitivos, é realmente uma necessidade evidente; mas bem mais imperiosa e urgente é a da reforma dos cursos e respectivos programmas, afim de que a fecunda instituição das escolas produza os mais proveitosos resultados, dilatando largamente o alcance moral da sua evangelisadora missão.

A circular citada, revelando que nas estações superiores se pensa em melhorar as condições do ensino nas escolas regimentaes, é pois uma esperança firme para os apóstolos da instrução litteraria do soldado, para os que, como eu, humilde paladino de uma causa grande, consideram essa disciplina do espirito, como solida base da disciplina militar.

A. Cardoso dos Santos.

Tenente de cavallaria.

Telegraphia sem fios, Automobilismo e a Guerra

Abrandou a tormenta; e apoz ella, surge a paz, que já de ha muito se sentia como imposição forçada.

A queda de Porto-Arthur e o aniquilamento do poder naval dos russos, foram dois factos, a que o imperio moscovita não poderia resistir.

Depois surgira ameaçadora a Revolução; e o edificio já abalado, cede ante o estremecimento convulsivo, que no interior, certamente o despedaçaria.

Desvanece-se emfim a borrasca; e agora como em 1854, surge, vindo das bandas do Oriente, o clarão da sciencia, a luz que illuminará os espiritos investigadores, para n'este periodo de calmaria bonançosa, tratarem de colher ensinamentos, reconstituindo factos, coordenando ideias e descobrindo e generalizando os principios; e depois, cooperando poderosamente na sciencia da guerra, lhe tragam novas adptações industriaes, e lhe reduzam alguns restos do dogmatismo, que nos ultimos annos de paz, as experiencias da lucta não hajam podido banir. Apresenta-se, pois, agora, como depois da campanha da Criméa, um periodo de grande laboração intellectual; apresenta se por assim dizer um balanço aos conhecimentos militares, de que ha-de resultar, como depois de 54, uma série de innovações, e talvez a condemnação ou abandono de coisas de valor ainda, nos meios de guerra actuaes.

Volvendo-nos para a historia, encontramos realmente similhanças nos factos historicos em que vimos de fallar, para que nos seja permittido esperar analogias, nos resultados que breve hemos de bem conhecer.

A lucta pela preponderancia maritima nos mares interiores — do Mediterraneo ao Negro, como salvaguarda dos

interesses commerciaes, eis então a verdadeira causa da guerra, como actualmente succedeu, n'esse titanico duello debatido em prol da posse commercial nos mares Orientaes, — causas analogas e resultados identicos, a campanha russo-japoneza excede no paralelo a campanha da Criméa; esta, marcando no respeitante á sciencia da guerra a transição dos methodos do Imperio para os da segunda metade do seculo XIX, ficará talvez muito áquem dos resultados da actual guerra, que chegará mesmo por esse facto, a caracterisar o actual seculo.

O Japão poderá mesmo ser tido no seculo XX e no Oriente, como a Allemanha de 70 na Europa.

Tambem teve como aquella em Iena, o abatimento de uma virilidade nascente esmagada na guerra sino-japoneza, mas com a vantagem de não ser vencido, embora fosse dominado.

Preparando n'uma evolução ponderada um desforço formal ao brio soffreado, não deixou comtudo de conseguir os maximos resultados, embora não tivesse a favor como a Allemanha em 70, as predisposições dos factos historicos de 54 e 59, e principalmente a grande preparação de 1866.

E' pois n'esta grande lucta, onde convergiram todos os meios de guerra actuaes, e entraram em cooperação as forças de terra e mar, servidas pela industria moderna dos mais extraordinarios inventos, que nós, ao esboçar este artigo, promettemos estudar as applicações dos systemas de transportes accelerados — *do pensamento e da materia* — que nos campos da Mandchuria tiveram um largo emprego, esperando que as relações officiaes nos permittam ampliar estas notas, sobre *telegraphia sem fios e automobilismo*, de molde a podermos mostrar as alterações e adaptações, que n'esta grande guerra, os dois systemas soffreram.

*
* *

A telegraphia sem fios, na sua concepção, não é afinal uma novidade de poucos annos, se notarmos que, desde

que os phenomenos de inducção foram percebidos, a telegraphia sem fios, ou pelo menos a possibilidade d'ella, estava manifesta; assim o teria pensado Ampère, depois de conhecidas as experiencias de Oestrad; assim o pensou e demonstrou Preece em 1884, e mais ainda o governo austriaco nas experiencias para interceptar os despachos militares do adversario.

Mas aqui, havia apenas como elementos, a intensidade do campo electro-magnetico creado pela passagem da corrente, de pequena amplitude está bem de ver, e só apreciavel a pequenas distancias — a 5 kilometros — pela disposição d'um conductor paralelo do da passagem da corrente, e onde se introduzia um receptor, muito sensivel, como o do telephone.

Era pouco ainda; mas era já um avanço para este systema telegraphico, o perceberem-se a distancia os campos da corrente que passava; era afinal fazer pender a solução do problema, da criação d'um campo que se propagasse a grandes distancias, e da descoberta d'um receptor que podesse ser sensibilizado, pela acção d'esse campo, longe produzido.

Foi o que conseguiram pela primeira parte o dr. Hertz, não sem que Maxuell antes tivesse previsto e assignalado, na grandiosa theoria que estabeleceu a identidade entre a luz e a electricidade, e portanto a propagação d'esta ultima como aquella, por meio de ondas; — e pela segunda parte, o professor Branly, pela descoberta do celebre radio-conductor.

Mas Hertz, chegou a factos concludentes: o *resonador* e o *vibrador* do eminente physico, justificando as sombras electricas, consagram a theoria electro-magnetica de Maxuell, e abrem á pratica a telegraphia sem fios por meio de *ondas electricas*, definindo ao mesmo tempo a unidade das forças physicas, cujas variantes dependem da *frequencia* das vibrações.

As radiações electricas produzidas pelas descargas os-

cillantes bem interpretadas na lei sinusoidal, são pois a base da nova invenção.

Multiplicam-se depois as experiencias. Preece, Marconi e Papoff, são os maiores campeões do novo invento, tendo todos como principio assente e accete, o das ondulações de Hertz.

O *resonador* de Hertz, é que afinal se torna ainda pouco pratico — pela deficiencia na applicação a grandes distancias, e mais ainda pelo difficil aproveitamento dos resultados que regista. Egaroff e Rhighi não conseguem com as modificações adoptadas alcançar maiores vantagens.

Estava guardado o *desideratum* para Branly, que em 1890 pela descoberta do celebre *radio-conductor*, tornou practica a telegraphia sem fios a grandes distancias, que com o aproveitamento do *relais* introduzido por Marconi em 1896, constitue o systema de que Papoff se torna o maior generalisador.

Na sua maior simplicidade, o systema telegraphico vulgarizado por Marconi, é constituido por um *receptor* e um *transmissor*.

O transmissor é constituido por uma origem de electricidade, d'onde parte a corrente que atravessa um manipulador de Morse e corre por um interruptor de mercurio até ao primario d'um transformador, fechando-se ahi o circuito com a ligação directa, vindo do polo negativo da origem. Transformadas assim as correntes em alta frequencia, passam do secundario ao oscillador, que por sua vez tem uma das esferas ligada á terra, e outra á antena. As descargas entre as esferas, originam as ondas.

Portanto a transmissão é analogá á de Morse, com a differença de as descargas oscillantes darem logar a uma serie de pontos maior ou menor, mas o bastante para poder discriminar os traços dos pontos.

Este facto é realmente um dos inconvenientes do systema, mas ultimamente tal descontinuidade torna-se inapreciavel, e que a nosso ver é talvez devido ao uso das correntes directas.

O *receptor*, é d'uma simplicidade extraordinaria; tem dois circuitos distinctos, alimentados por duas origens tambem distinctas.

O primeiro circuito, funciona como *relais*, tendo intercallados um electro-iman, e um tubo radio-conductor de Branly, que funciona normalmente de interruptor, tornando-se optimo conductor, ao ser attingido por ondulações longe produzidas, voltando a interruptor, ao ser ligeiramente percutido.

E' este o circuito que *percebe* as ondas electricas, e que ao ser fechado pela sensibilisação de Branly, cria o campo do electro-iman n'elle intercallado como dissémos, que exercendo acção sobre uma móla, fecha o 2.º circuito.

Este 2.º circuito, é o *registorador*; n'elle estão intercalados dois electro-imans, cada um dos quaes ao crearem o campo proprio, fazem funcionar duas alavancas inter-fixas; uma o *martello* que percute o radio-conductor, descohe-rando-o; outra sobre que corre uma fita, e onde fica marcado o signal como no Morse.

Percebe-se agora facilmente o funcionamento do systema.

Imagine-se que as ondulações se produzem pelas descargas oscillantes do vibrador: succede naturalmente que se attingirem o radio-conductor ligado á terra e á antena, o tornam um bom conductor; então fecha-se o 1.º circuito do receptor, e estabelecendo-se o campo do lectro-magnete n'elle intercallado, fecha-se por intermedio da mola o 2.º circuito, isto é, o registorador. O que se passa agora, é simples; as duas bobines n'elle intercalladas funcionam, e uma das alavancas marca o signal e a outra percute o Branly, collocando o systema na posição inicial, isto é: prompto a receber novas impressões, visto que o martello pela percussão cortou o primeiro circuito.

Outras disposições ainda completam o systema, como a campainha de alarme, e outras innovações como a do *tripé* de Branly que hoje com vantagem, pela sua facil graduación, substitue o radio-conductor, tornando-se assim

a telegraphia sem fios de grande pratica, o que mais ainda se salientará, ao tornar-se patente a difficuldade que para alguns já o não é, de graduar a intensidade das ondulações, segundo direcções determinadas, ou seja de definir certa *afinação* dos aparelhos, de modo a não poderem ser interceptadas as communicações estabelecidas.

Assim, teremos para os usos da guerra uma simplificação extraordinaria na transmissão de noticias, e talvez o banirem-se por completo essas rêdes formidaveis que as tropas em operações exigem, quer no systema de parallelas ou convergentes, pois em todos ha a installação, sempre difficil de estabelecer, mais de guardar, e muito mais de levantar.

Na telegraphia sem fios, tudo é simplificado: installação, funcionamento e deslocação; mas mais ainda, tal é o facil aproveitamento dos automoveis, complemento indispensavel d'este systema telegraphico, porquanto podem depois de installados os postos que tenham maior permanencia ser aproveitados para os reabastecimentos de todo o genero e ter uma applicação radiographica de grande importancia nos periodos de operações activas, o que bem ficou demonstrado na guerra russo-japoneza.

*
* *

O automobilismo é pois um complemento indispensavel da telegraphia sem fios, tendo igualmente em campanha muitas outras applicações desde que possa accelerar os transportes pelas vias ordinarias, e consequentemente levar a força motriz, onde quer que d'ella se careça.

Com o systema propulsor a electricidade, gaz ou vapor, são os primeiros os que de futuro melhor hão-de satisfazer, depois de vencidas as difficuldades de crear e transportar a energia electrica sufficiente, sem lhes exagerrar a carga e a despeza.

D'uma grande simplicidade, são os movidos a electricidade devidos a dois factos, consequencias das theorias de

Maxuell, ao definir a analogia entre a luz e a electricidade, e ás experiencias de Ferrari em 1888, querendo ao admitir tal identidade de origem, traduzir por meio da electricidade os phenomenos correspondentes aos estudados por Fresnel na polarisação rotatoria; a experiencia consumouse; e a rotação da resultante de dois campos, creando os campos de rotação, trouxe-nos a tracção electrica, e veio completar a ideia da unidade das forças phisicas; produzindo na electricidade a rotação da resultante de dois campos, como na luz pôde haver a rotação do plano de polarisação.

São comtudo os movidos a gaz, os preferidos, visto que os a vapor, pelas exigencias da grande quantidade de combustivel e pelo diminuto numero de calorías que fornecem estarem em inferiores condições para serem adoptados na pratica.

Ainda assim o tractor de Scott, é usado em Madagascar, sendo a vapor, e o combustivel carvão.

Simple é pois a tracção accelerada actual, mas não tão simples que facilmente seja adaptavel aos usos da guerra, a não ser que alguns distinctos mechanicos como o capitão Renard resolvessem questões complicadas, queurgia definir. Antes de Renard, a propulsão continua não existindo, tornava na pratica difficil a adopção dos automoveis, pois era impossivel reduzir o numero de motores, adoptando-os como rebocadores, o que muito convinha.

Estava pois indicado o caminho a seguir; mas ao ligar viaturas a cada tractor, luctava-se logo com duas difficuldades: a da patinagem, e a de obrigar todos os vehiculos a fazerem a mesma pista em curva apertada, para que se não d'esse o caso de sollicitadas as ultimas já por uma força de tracção obliqua, descreverem a corda e não o arco, como se desejaria.

A patinagem, poderia vencer-se com o augmento de peso do tractor para augmentar a adherencia, se a isso se não oppozesse por um lado a resistencia do pavimento das estradas, e por outro, o não se poder do mesmo modo au-

gumentar, e na mesma proporcionalidade, a carga a arrastar. Foi afinal o que Renard com simplicidade resolveu.

Em cada tractor, a energia precisa para a tracção, fornece-a o motor, e depois, por meio de uma arvore central que vae desde a testa á cauda do systema de vehiculos entre os quaes se intercallam juntas de *Cardan*, faz-se a distribuição da força, que originando o movimento de rotação da arvore, vae pelos differencias existentes em cada viatura, actuar n'um par de rodas.

Esta distribuição da força, faz com que cada viatura, tendo em si a propulsão inicial, só precisa contar com a adherencia necessaria para vencer a carga propria que supporta.

O tractor, fica assim reduzido a uma machina geradora e distribuidora de energia.

Para obrigar todos os vehiculos á mesma curva, ainda Renard fez uma boa disposição, ligando cada viatura á que segue por meio de uma lança, ligação que é feita entre o caixilho da 1.^a e o eixo do 1.^o par de rodas da 2.^a, e por meio d'um triangulo e uma cavilha, que obrigam sucessivamente todo o systema á mesma curva.

E' pois um verdadeiro systema de ligações em potencia e direcção que ligado á telegraphia sem fios, constitue no conjunto, um systema complexo, facilmente adaptavel ás exigencias da guerra durante as operações activas, que pela parte respeitante á transmissão de noticias a veio facilitar, acabando de vez com os pesados materiaes telegraphicos, com as exigencias do pessoal empregado no estabelecimento, conservação e guarda das redes complicadas a estabelecer, e emfim, pelo que diz respeito á cavallaria de descoberta, fornecer-lhe o meio de vencer as maiores difficuldades com que lucta, isto é, a dos reabastecimentos e a da efficacia das informações colhidas.

A ligação dos automoveis á telegraphia sem fios, dá pois um dos resultados mais surprehendedentes na guerra moderna; e nós, ao encerrarmos este artigo, pensamos seguir nas primeiras notas officiaes da campanha russo-japo-

neza, as applicações, algumas já como bem surprehendedentes tidas, e outras como presumiveis e de longo alcance na ligação das operações de terra e mar, de uso previsto entre nós, pela disposição especial do paiz, e mais ainda pelo systema colonial que possuímos; e ainda outras emfim, de valor inestimavel nos serviços de rectaguarda, salientando-se as adaptações especiaes á radiographia, cujos resultados os diarios dos hospitaes dos belligerantes profundamente encarecem.

Porto, setembro, 1905.

João de Ascensão.

Ten. Cav.^a 9



O cavallo de typo pequeno como cavallo de guerra

PELO

Barão Sir Walter Gilbert

(CONTINUAÇÃO)

«PONIES» EM MARROCOS

O sr. F. E. Cornwell que teve a experiencia que lhe deram 20 annos de permanencia em Marrocos, em que teve de viajar atravez d'esse paiz, considera o cavallo que alli é commum como muito bom para transportar grandes cargas e resistir a uma alimentação muito deficiente, sendo tambem muito seguros dos membros locomotores.

Descreve estes cavallos como *Barbaros*, muito resistentes e de espadua desenvolvida. A sua altura média é de 14-2 mãos (1^m,47) e raras vezes attingem 15 mãos (1^m,53). A sua alimentação consiste geralmente de palha de manhã e á noute uma ração de 6 a 7 arrateis de cevada; bebem

uma vez por dia (quando se pôde obter agua). No paiz pôde-se obter verde durante algumas estações do anno, mas como os cavallos durante os altos ficam peiados, não podem pastar e o ceifar, como levaria tempo, não se usa.

Diz o sr. Cornwell que d'uma occasião fez uma jornada n'um d'estes cavallos durante trinta e dois dias consecutivos, andando em media umas 30 milhas por dia, tendo dado só um dia de descanso ao cavallo n'esse espaço de tempo.

O general Maclean que desempenhou por algum tempo o logar de *Kaid*, ou commandante em chefe das forças do sultão de Marrocos, experimentou recolher os seus cavallos em vez de os conservar ao ar livre, como é costume no paiz. A experiencia não provou bem, porque na primeira expedição que em seguida fez, morreram-lhe os cavallos. O estarem abrigados, sem duvida, torna-os susceptíveis de contrahirem as doenças causadas pela exposição ao ar da noite.

Estes *ponies* pôdem ser comprados por uma quantia que varia de 8 a 10 £. Aos cavallos que são exportados, ha a augmentar a quantia de 3 £ e 10 s. de direitos de exportação lançados sobre todos os cavallos que sahem de Marrocos.

A opinião do sr. Cornwell com respeito ao crusamento com o sangue inglez é de que em nada melhora as qualidades dos resistentes cavallos de Marrocos.

Já se tem feito a experiencia de os crusar com cavallos de sangue, importados de Inglaterra mas o producto tem sempre sido um cavallo de pernas compridas e de muito menor resistencia de que o cavallo do paiz.

«PONIES» NA ASIA ORIENTAL

O *pony* mais geralmente empregado na China, é creado na região Norte do paiz. Segundo um escriptor da *Barl's Magazine*, grandes manadas de *ponies* vivem nas planícies distantes, 300 ou 400 milhas de Pekin, e os creado-

res todos os annos, os trazem para serem vendidos nos districtos mais populosos.

A sua altura média é de 13-1 mãos e apesar das condições desgraçadas em que são presentes no mercado, melhoram rapidamente com uma boa alimentação. São geralmente curtos e de peito largo, de membros bem conformados e em geral de boa espadua. Com esta conformação não se lhe pôde exigir grande velocidade, mas são bons para transportar grandes cargas e tem uma constituição robusta e grande resistencia.

Os *ponies* de Birmania são mais pequenos do que os chinezes, tendo em media de 12-2 mãos (1^m,27).

Um cavallo de 13 mãos (1^m,32) já é considerado alto. São geralmente animaes pequenos e resistentes, com boas espaduas, bom osso e dorso muito forte.

Antes da annexação da Alta Birmania em 1885, a região baixa estava depositante dos creadores dos Monte Chan e da Birmania independente, por ter sido prohibida a exportação de cavallos e eguas.

Desde a annexação, o governo da India tem pensado em melhorar a criação dos cavallos indigenas pela introdução de garanhões arabes. O augmento do tamanho e a melhoria de estampa dos Indo-Birmanos, nome dado a um crusamento, seguramente conduzirá, segundo a opinião do auctor, ao desaparecimento da pura raça da Birmania.

O producto do crusamento com o arabe, devido a ser mais docil e dispor de maior velocidade, é mais recomendado do que o birbano puro, mas estas vantagens parece terem sido adquiridas sacrificando a resistencia e as qualidades tendentes a transportar grandes cargas a dorso.

O capitão M. H. Hayes diz no *The points of the horse* que os *ponies* de Sumatra, cuja altura média é de 12-2 mãos (1^m,27), para o seu tamanho, são os mais fortes que tem conhecido.

Descreve-os como simples «bollas de musculos» e nota-lhes a beleza das cabeças, o que parece mostrar serem descendentes dos *ponies* do continente. O *pony* da Corea,

é o mais pequeno dos productos orientaes, mas a força extraordinaria que têm para o transporte a dorso, faz d'elles uma maravilha. Medindo cerca de 10 mãos (1^m) d'altura e de construcção fraca, pôde perfeitamente transportar um cavalleiro, alto que seja montado n'um sellim que se colloque por cima d'uma pilha de mantas que lhe disfarcem o tamanho, e debaixo d'esta carga nada proporcional ao numero das suas polegadas faz um longo dia de marcha.

«PONIES» DA AUSTRALIA

O correio australiano ou correio montado, que tem por missão distribuir e colher as cartas pelas differentes estações espalhadas ao longo da linha ferrea, prefere cavallos pequenos para desempenhar o seu arduo trabalho, que demanda resistencia e velocidade.

Esses cavallos são descriptos pelo *Australien Native no Field* de 11 de junho de 1892 do seguinte modo:

«O cavallo em que monta o correio é d'uma classe inteiramente differente, (do cavallo que transporta os saccos) e fica mais bem descripto como um cavallo de guerra com as forças d'um grande ou symetrico ao typo *hunter* de 16 a 16-2, mãos focado em 13-2 ou 13 mãos, de agulha mais alta o que lhes dá a apparencia do dorso baixo ou descahido.

«Tendo em vista a natureza do trabalho desempenhado pelo correio, torna-se evidente que necessita d'um cavallo que disponha de muito vigor combinado com coragem e velocidade.

«O typo descripto possui estas qualidades em alto grau e ainda mais, um passo largo, — não uma andadura, — e uma grande facilidade em transpor obstaculos que os habilita a atravessarem o terreno a corta matto, o que é muito conveniente tanto para os cavalleiros como para os cavallos. Ainda mais, estes pequenos cavallos são muito saudáveis e quando chegam a adoecer ou se estropiam por ex-

cesso de trabalho e defficiente alimentação, alguns dias de pasto bastam para rehavere a sua vitalidade.

«Segundo o modo de fallar na Australia, classificam-nos como «freguezes de ida e volta» e não são como os cavallos grandes, que quando adoecem ficam um longo espaço de tempo sem se restabelecerem.

«O melhor *stock* de cavallos empregados na conducção do gado, são tambem pequenos, manejaveis e supportam perfeitamente uma carga d'uns 80 kilog. Como o custo d'estes cavallos é o mesmo dos cavallos do correio, isto é, de 4 a 8 libras por cabeça, é evidente a preponderancia dos cavallos pequenos, para desempenharem um trabalho utilitario e tambem pelo lado economico. Não serão taes cavallos, devidamente ensinados, adequados ao emprego da cavallaria ligeira?»

Sem duvida a resposta a um quesito tão concludente, é affirmativa.

«PONIES» NA AMERICA E NO TEXAS

Os *ponies* do Noroeste da America são famosos pela sua resistencia que é ainda mais notavel se attendermos á sua construcção e ao seu feitio. Estes animaes são, sem duvida, os descendentes dos cavallos introduzidos pelos hespanhoes quando invadiram o Mexico no começo do seculo XVI, tendo-se as descendencias d'esses cavallos com o decorrer do tempo espalhado por todo o continente.

O corenel Richard Irving Dodge nota no seu trabalho *Os nossos indios selvagens* (1882), que os cavallos introduzidos na America pelos hespanhoes deviam ter sido de tamanho muito inferior, ou então a raça está muito degenerada, porque comparados na America o cavallo com o *pony*, este é muito mais pequeno.

As seguintes observações do coronel Dodge, provam que estes *ponies* se teem perdido no tamanho, absolutamente nada perderam em qualidade de trabalho; adaptaram-se ás

suas condições de vida e [provavelmente ganharam uma constituição mais resistente e sobria. Descreve-os da seguinte forma:

«Medindo 14 mãos escassas, o *pony* americano é d'uma construcção ligeira, apesar de possuir uns quartos poderosos, boas pernas, uma garupa curta e forte, e o peito largo. Não tem o menor signal apparente de possuir *sangue*, apesar das suas orelhas pequenas e nervosas, e dos seus olhos vivos e expressivos indicarem possuir uma intelligencia e um genio não vulgares.

Mas a somma de trabalho que podem executar e as distancias que podem percorrer n'um dado tempo, collocam-nos ao nivel do arabe ou de outro qualquer... Convenientemente tratado, o *pony* cançará dois cavallos americanos, mas nas mãos dos indios, abusam e descuidam de tal modo do seu emprego, que fica em estado de não prehencher bem o serviço d'um energico, official de cavallaria.»

O indio do nordeste da America, apesar de um cavalleiro admiravel como — *cavalleiro de marchas* — não tem apparentemente a menor ideia de que seja poupar a sua montada, qualquer que seja a distancia a que tenha de viajar. Segundo o coronel Dodge, que teve muitas occasiões de se informar dos costumes dos indios, mais especialmente como um inimigo, diz que, gallopam nos seus *ponies* até estes cahirem de cançasso.

Para mostrar o trabalho que um bom *pony* póde executar nas mãos de quem o saiba aproveitar, o coronel Dodge cita o facto de uma vez desejar comprar um animal cuja apparencia lhe satisfazia, offerecendo o preço de 40 dollars, respondendo-lhe o dono que só o vendia por 600 dollars.

Contando o facto a uma outra pessoa que conhecia o *pony*, foi informado de que o dono não lhe tinha pedido aquelle preço por espirito de especulação e que tinha razões para lhe dar tão grande valor, porque segundo parece, tinha sido empregado em transportar as malas do correio

entre Chehushan e El-Paso, uma distancia perto de 300 milhas, durante 6 mezes, em que as estradas estavam intransitaveis por causa de bandos de indios apaches, que se dedicavam á pilhagem e a dar caça ao branco.

Como o correio tinha de fazer essa perigosa viagem uma vez por semana e desempenhava-o montado no tal *pony*, em trez noites seguidas, escondendo-se durante o dia.

A superstição dos indios detem-os de encarar a morte, durante a noite, o que explica o facto d'este viajante escolher essa occasião para fazer essas jornadas tão expressas.

Durante seis mezes percorria de 90 a 100 milhas por semana, em 3 noites successivas, indo n'uma semana e voltando na seguinte. Acrescenta o coronel Dodge, «que esta somma de trabalho nada abatia o animo e as carnes do tal *pony*.»

(Continua.)



NOTICIARIO

Extrangeiro

FRANÇA

Raid nacional militar Lyon-Aix-les-Bains. — Foram destinados os dias 26, 27, 28 e 29 de julho passado á realisacção do raid. De Lyon a Aix-les-Bains a distancia é de 171 kilometros.

No primeiro dia fez-se o percurso de Lyon a Lagnieu com a velocidade de 13 kilometros á hora; no segundo de Lagnieu a La Tour-du-Pin. São 60 kilometros a fazer em corrida atravez a região, sobre uma pista marcada por

bandeirolas multicôres. No terceiro, com uma passagem de desfiladeiro, a velocidade marcada foi de 15 kilometros á hora, salvo para os dez ultimos kilometros, que deviam ser percorridos em corrida, que terminava no hyppodromo de Aix-les-Bains, no qual os concorrentes dariam uma volta na pista, cortada por tres obstaculos faceis de transpôr. No quarto dia teve logar o exame dos cavallos e um percurso, sem difficuldades, de corrida plana no hyppodromo, para patentear o estado em que se encontravam os cavallos.

O programma d'este certamen differia muito dos anteriores e inspirou-se em idéas de applicação militar e que vão indicadas nas bases seguintes:

1.º Um reconhecimento de official vae procurar informações. O reconhecimento faz-se em condições de segurança e relativa facilidade, até ás proximidades do contacto com o inimigo;

2.º Estabelece-se o contacto com o inimigo. As difficuldades da operação augmentam. Marchar-se-ha atravez a região e em certos casos será preciso escapar á perseguição. E' a occasião de empregar grandes esforços, que põem em evidencia as forças dos concorrentes;

3.º A operação continua. E' necessario reconhecer. A marcha faz-se no meio das mais variadas alternativas e torna-se necessario alcançar um posto optico de correspondencia, estabelecido em região montanhosa, para receber e transmittir informações. Apoz um descanso momentaneo, é necessario recorrer á fuga partindo com a maior velocidade.

Cada um d'estes dados corresponde a cada um dos tres primeiros dias de provas.

A inscripção conta 62 officiaes pertencentes aos corpos de exercito mais proximos.

O dia 25 de julho foi empregado nos ultimos prepara-

tivos e na apresentação dos concorrentes ao jury no quartel de Part-Dieu em Lyon.

Dos 62 cavallos inscriptos, apresentaram-se 47. D'estes 16 são puro-sangue e 31 anglo-arabes ou meio sangue.

A partida teve logar em 26 ás 5^h,15' da manhã, do parque *Tête D'or*, sendo feita por grupos de seis officiaes, com cinco minutos de intervallo. O percurso do primeiro dia é bastante accidentado, posto que a prova seja a mais insignificante, visto que se exigia como maxima velocidade, a de 13 kilometros á hora. Variados obstaculos cortavam o percurso, como: salto de caminho, barreiras, sebes, fossos, subida de taludes e monticulos, passagem a vão no *Ain*, etc. Todos os obstaculos foram transpostos com galhardia pelos officiaes francezes. Chegaram a *Lagnieu* em boas condições e dentro do tempo concedido. O tenente Paulhiac do 2.º de dragões não se apresentou porque a egua em que montava, mancou de maneira a não poder continuar.

Os resultados do segundo dia foram surprehendedentes. N'um percurso de 58 kilometros extraordinariamente accidentado, os dois primeiros concorrentes chegados, fizeram n'ò á razão de 22 kilometros á hora, tendo o jury previsto, 18 no maximo. A maioria cumpriu o programma, mas alguns cavallos succumbiram aos esforços exigidos, sendo opinião dos veterinarios que morreram ou se inutilisaram por falta de preparação systematica.

A ultima prova foi violentissima não só considerada em si mesma, mas por se seguir ás fadigas dos dois primeiros dias. O percurso andava por 54 kilometros, dos quaes 40 em montanhas para uma velocidade de 15 kilometros á hora, excepto os ultimos 14 que foram percorridos em corrida, visto que obdecia ao plano concebido da fuga obrigatoria, nessa altura do percurso.

A's difficuldades a vencer, juntava-se a passagem do desfiladeiro do *Crucifix*, com um piso detestavel, cheio de pedras soltas e rolantes, ultimos vestigios de uma via romana.

Fez-se a marcha sem incidentes, chegando os cavallos

e cavalleiros em excellente disposição ao outro lado da montanha, onde devia começar a lucta final em bom terreno e durante 14 kilometros.

O primeiro a chegar foi o capitão Deremetz montando *Négro*, que tres dias depois deu mais uma prova da sua resistencia, ganhando um premio em *Vichy*.

A seguir e no espaço de duas horas, chegam 23 concorrentes, isto é, 24 dos 26 que o jury autorisou a dar a 3.^a prova.

A victoria final, com um premio de 700.000 réis foi para o capitão de 28 de dragões, Champsavin, no seu cavallo *Jobourg*, que foi trenado e conduzido com verdadeira maestria. *Jobourg* tem dez annos, é puro sangue e foi preparado pelo capitão Bausil, considerado um especialista n'este genero de exercicios. Citam-se factos comprovativos da excellencia d'este cavallo e entre elles, o de ter galopado consecutivamente durante 3,20' e ter sido o campeão dos 100 kilometros percorridos seguidamente em estrada.

SUISSA

Metralhadoras na cavallaria. — Segundo a *Revue de l'armée belge* foram ultimamente introduzidas modificações na organização das companhias de metralhadoras affectas ás tropas de cavallaria. A cada brigada de cavallaria corresponde uma companhia de metralhadores a dois pelotões de duas esquadras. Cada esquadra tem uma metralhadora dotada com 4:000 cartuchos.

Errata

Na pagina 120, linha 16, onde se lê: — abrigados, — deve ler-se: — desabrigados.

Supplemento ao n.º 16 da REVISTA DE CAVALLARIA

ORDENS DO EXERCITO

N.º 17 (2.^a serie) de 18 de outubro de 1905

CONDECORA. — Dignitarios de S. Bento d'Aviz, por serviços distinctos: *Gran-Cruz*, general de brigada, José Honorato de Mendonça; *Gran-de-Offical*, coronel, Filipe Malaquiás de Lemos; *Cavalleiro*, tenente, Eduardo Augusto Lopes Valladas.

NOMEJA. — Commandante da 2.^a divisão militar, general de divisão, Frederico Augusto de Almeida Pinheiro; ajudante de campo do commandante da 4.^a brigada de cavallaria, tenente, Antonio Augusto Carvalho da Costa; ajudante de campo do director geral dos serviços de cavallaria, capitão, João Gregorio Duarte Ferreira.

COLLOCA. — Na disponibilidade, o tenente, Manoel Alves Paiaes e os alferes, João Lopes Gomes e D. Luiz de Castro, por terem sido julgados promptos pela junta de saude; na situação de addidos, para commissão no Ultramar, o tenente João Baptista de Sant'Anna Leiria e alferes, D. Luiz de Castro; na situação de reserva: general de divisão, Antonio Candido da Costa e major, José Augusto Coelho Leite Pereira de Castro.

PROMOVE. — A general de divisão, o de brigada, Conde do Bomfim; a general de brigada, o coronel de cavallaria, Antonio Ferreira Sarmiento; a coronel para o estado maior, o tenente coronel de cavallaria n.º 5, Joaquim José Ribeiro Junior.

EXONERA. — De commandante da 5.^a divisão militar, general de divisão, Frederico Augusto de Almeida Pinheiro; de ajudante de campo do director geral dos serviços de cavallaria, tenente João Baptista de Sant'Anna Leiria.

TRANSFERE. — Para o estado maior: o tenente coronel, Fernando de Albuquerque do Amaral Cardoso e major, Conde de Tarouca, que estava na disponibilidade; para cavallaria n.º 1, o tenente em disponibilidade, Manoel Alves Paiaes; para cavallaria n.º 9, alferes de cavallaria n.º 5, David André Ferreira.

PERMITTE. — Que use as insignias de medalha de prata do Cruz Vermelha de Hespanha, o tenente de cavallaria n.º 3, Henrique Augusto.

PUBLICA. — A classificação obtida pelos officiaes abaixo indicados nas provas do campeonato do cavallo de guerra, no presente anno:

Fernando Coutinho da Silveira Ramos, tenente de cavallaria n.º 4, 19,2 valores — premio 300\$000 réis.

Antonio de Passos Callado, alferes de cavallaria n.º 2, 18,8 valores — premio 120\$000.

Carlos Maria Sepulveda Velloso, alferes de cavallaria n.º 8, 17,8 valores — premio 80\$000 réis.

Diploma de menção honrosa:

Manoel da Costa Latino, tenente de cavallaria n.º 4, 17,6 valores; André Avelino de Oliveira Reis, 17,4 valores; Joaquim Eduardo Martins da Costa Soares, 16,5 valores; Victor Manuel Peixoto da Silva, 15,6 valores; Manuel Firmino de Almeida Maia Magalhães,

15,4 valores.

CLASSIFICAÇÃO. — Com o posto de major, e soldo de 60\$000 réis mensaes, o capitão de cavallaria, Antonio Joaquim de Almeida Rebello, que passou á situação de reserva.

DECLARA. — Aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar de 1 do corrente, para preenchimento de vacaturas no corpo de veterinarios militares.

CONCEDE. — 60 dias de licença da junta aos seguintes officiaes: coronel de cavallaria n.º 1, Francisco Ferreira Sarmento; capitão de cavallaria n.º 10, João Roberto Pereira do Carmo; tenente de estado maior, Estevão Augusto de Castro Silva, Sotomaior; tenente medico de cavallaria n.º 3, Antonio Mauricio Sarmento de Macedo; tenente veterinario de cavallaria n.º 8, João Lino; alferes de cavallaria n.º 1, Arthur Heitor d'Eça Figueiró da Gama Lobo; de cavallaria n.º 4, José de Figueiredo Juzarte Mascarenhas; de cavallaria n.º 1, Arthur Hintze Ribeiro Nunes e Carlos Eugenio Alvares Pereira; de cavallaria n.º 3, Faustino de Sá Nogueira; de 80 dias: tenente de cavallaria n.º 4, Fernando Coutinho da Silveira Ramos; alferes do mesmo regimento, Manoel Firmino de Almeida Maia Magalhães; alferes de cavallaria n.º 8, Antonio Simas; de 30 dias, tenente medico de cavallaria n.º 9, Francisco José Martins Morgado; de 90 dias, capitão de cavallaria n.º 4, Francisco Augusto Ferreira.

OBITUARIO. — Alferes de cavallaria, Alberto Frederico Gorjão de Moura e Fernando de Campos.

Ordem de exercito n.º 9, (1.ª serie) de 18 de setembro de 1906.

PUBLICA. — O regulamento litterario do Real Collegio Militar.

DECLARA. — Que foram approvados e mandados pôr em execução: o tomo II do regulamento para a instrução tactica de cavallaria e o regulamento para a instrução a pé na companhia de equipagens.

RESERVA. — Com a graduação de coronel soldo de 73\$000 réis mensaes o major de cavallaria, José Augusto Coelho Leite Pereira de Castro.

N.º 18 (2.ª Serie) de 26 de outubro de 1906

PROMOVE. — Alferes para cavallaria n.º 5, sargento ajudante, José da Costa; aspirantes a officiaes, os primeiros sargentos cadetes: para cavallaria n.º 2, Fernando Pereira Coutinho; Alberto Antonio Pinheiro Macho; José Manoel Bacellar Figueira Freire; Fernando Telles da Silva e Gonçalo Telles da Silva; para cavallaria n.º 4: Julio de Abreu Campos; Julio Augusto de Oliveira; Antonio Maria Homem da Silveira Sampaio de Almeida Mello; Antonio Augusto Antunes Parreira; Pedro Augusto Abranches de Carvalho; Leopoldino Xavier da Palma e Paiva e Arthur Affonso Aguiar de Campos; para cavallaria n.º 7: Manuel Augusto Monteiro dos Santos Telles; para cavallaria n.º 9: Antonio de Freitas Torres.

COLLOCA. — Na situação de addidos: para commissão no Ultramar: o tenente Raul Vidal e alferes José Ricardo Pereira Cabral; com licença illimitada: alferes, Luiz da Veiga Ottolini; em inactividade temporaria: tenente, Henrique Augusto.

PUBLICA. — Por ter obtido a carta do curso do estado maior e applicavel o disposto no artigo 49.º e seus paragraphos da carta de lei de 13 de maio de 1896, que reorganizou a escola do exercito, ao tenente de cavallaria n.º 1, D. José de Serpa Pimentel de Souza Coutinho, com a cota de merito definitiva de 14,1 valores.

TRANSFERE. — Para cavallaria n.º 3, alferes medico de infantaria n.º 7, Carlos José Fernandes Botelho; para cavallaria n.º 5, o alferes de cavallaria n.º 8, Antonio Simas; para cavallaria n.º 7, o tenente em disponibilidade, Antonio Faustino; para cavallaria n.º 8, o alferes em disponibilidade, João Lopes Gomes.

Lista dos officiaes e sargentos de cavallaria que se offereceram para servir no Ultramar e que podem ser requisitados durante o anno de 1906.

Tenentes coroneis: Francisco Isidoro Gorjão de Moura, Alfredo Augusto José de Albuquerque, Antonio Augusto Chaves.

Major: José Matheus Lapa Valente.

Capitães: Victor Augusto Chaves Lemos e Mello, Ignacio Cabral da Costa Pessoa, João Carlos Rodrigues dos Reis, João Maria Lopes, Francisco Joaquim Alberto, João Manuel Fonseca, Francisco José de Oliveira Sá Chaves Junior, João Gregorio Duarte Ferreira, Arthur Diocleciano Pinto de Carvalho e Oliveira, Anselmo Augusto Pinhei-

ro de Senna, José Narciso Ferreira de Passos, Manuel José do Sacramento Monteiro.

Tenentes: Augusto Rodrigues, João Baptista de Sant'Anna Leiria, José Maria Chaves Galvão de Magalhães, Leopoldo Augusto Pinto Soares, Alberto Stanffenger Bivar de Sousa, Adrião Miguel Xavier, Alfredo Pedreira Martins de Lima, André Avelino de Oliveira Reis, João Antonio da Costa, Augusto de Assis da Silva Reis, Alberto de Paiva de Moraes, Julio Cesar dos Santos Segurado, Henrique Augusto, João Rodrigues Ascensão, Alvaro Pimenta da Gama, Jorge Soares Pinto de Mascarenhas, Francisco de Paula Maria Anna do Loreto Figueira da Camara, Raul Vidal, Jayme Raul de Brito Carvalho da Silva, José Gonçalves Paul, Ernesto Estanislau da Veiga Ventura, Carlos Luizello Godinho, Antonio Manuel Villares, Antonio José Tavares, José Maria da Cunha, Justino José de Sousa Pinto, Adelino de Almeida Novaes, Carlos Baptista Gonçalves Guimarães, João Ferreira Nunes de Carvalho.

Alferes: Antonio da França Pinto de Oliveira, Antonio Augusto de Abreu Amorim Pessoa, Arthur Pereira Mesquita, Antonio Augusto Namorado de Aguiar, D. Nuno Maria do Carmo de Noronha, Eduardo Augusto de Oliveira Pessoa, David André Ferreira, Joaquim José da Conceição, José de Liz e Cunha, Francisco Dias da Cruz Porto, José Manuel Annes Baptista, Benjamim Luazes Monteiro Leite dos Santos, Francisco Martins Lusignan de Azevedo, Abilio de Sousa Namorado, Carlos dos Santos Nactividade, Antonio Joaquim de Faria, Germano Augusto Moreira.

Sargentos ajudantes: João Joaquim Correia, José Francisco Lopes, Ignacio Maria da Conceição, Ricardo Augusto de Mello, Estevam Alves Barbudo.

Primeiros sargentos: Joaquim Baptista Bello de Carvalho (cadete), Manuel Martins, Joaquim Augusto de Avellar Pinto Tavares, Antonio Manuel Galamba Acabado, Abilio Augusto Ferreira (cadete), Eduardo Cesar Augusto Guerra Quaresma, (cadete), Roberto Maria Alcaide, Antonio Ulpiano Rodrigues.

Revista de Cavallaria

A CAVALLARIA NA INDIA

O facto de ser nomeada uma commissão para tratar de assumptos relativos a uma organização militar ultramarina vem novamente chamar-nos a campo para dizermos de nossa justiça, sem intuitos suggestivos, porque os não podemos ter, mas na melhor das intenções para expômos o que nos parece rasoavel.

A organização militar, que se vê agora abalada nos seus allicerces, é de 14 de novembro de 1901. Tem 4 annos de execução e o consenso geral, diz que não pôde ir além. Para experiencia já basta.

O seu principio fundamental, que é o posto d'acesso, já não pôde illudir ninguem e traz um extraordinario desequilibrio ás funcções regulares de promoção na metropole com grave atropello para a disciplina.

O processo economico é d'aquelles que não comprehendemos: para evitar expedições accidentalmente necessarias mantem-se expedições permanentes!...

D'accordo que seja indispensavel o concurso de tropas europeias, mas parece-nos curial que se tire todo o partido possivel do elemento indigena, devidamente educado e bem enquadrado. E, como conhecemos particularmente a India, e como não queremos sahir do campo particular da nossa arma, nós vamos expôr o que pensamos do exercito de occupação da India, e em especial da cavallaria n'este paiz.